

# Constituinte como esta nunca houve

*Governo e partidos foram despachados, e prevaleceu o povo*

Villas-Bôas Corrêa

**A** Constituinte proclamou a sua independência cortando os laços com o governo, dissolvendo os partidos na reorganização do plenário em blocos que ignoram as siglas e abrindo canais inesperados de comunicação direta com a sociedade. Às vésperas das votações decisivas já se evidencia claramente que, boa ou ruim, nunca houve uma Constituinte como esta.

O flagrante do deputado Ulysses Guimarães vaiado no Salão Negro por cerca de 2 mil portadores de emendas populares retrata, com nítida fidelidade, a condenação do PMDB — o grande omissor da Constituinte. E as mais de 100 emendas com 15 milhões de assinaturas de eleitores, devidamente qualificados, exibe a outra face da intensa e surpreendente mobilização da sociedade.

**Expectativa** — Nessa primeira fase que está se encerrando de montagem do anteprojeto para o debate e a decisão do plenário, muitas expectativas não se confirmaram. Logo de saída, o PMDB escapuliu dos compromissos da campanha e do seu programa, negaceando para não bancar um anteprojeto que se revestisse das características de uma proposta para abrir e ordenar a reclamada participação popular.

A tática da omissão continuada do PMDB produziu o enganoso e inédito regimento interno, que iniciou os trabalhos com a abertura em leque de 24 subcomissões. Por elas, durante dias, noites e madrugadas, por mais de mês, desfilou a sociedade pelos seus representantes mais legítimos, pelas suas pontas mais atuantes. Um momento rico e único e que se perdeu, deixando apenas o resíduo de propostas de escasso aproveitamento.

Aí o primeiro e grave equívoco. Na ausência de um anteprojeto que imprimisse um mínimo de coerência ao início dos trabalhos, a pressão popular, que vinha num crescendo em maré montante ao longo de todo o processo de mudança, dispersou-se.

As multidões de mais de milhão de pessoas, que o senador Afonso Arinos antevia, ocupando os largos espaços da Praça dos Três Poderes, circundando o palácio de vidro do Congresso, esparramou-se em aglomerações esparsas, sem peso e nem presença, para os pleitos dispersos na surdina dos gabinetes.

Parecia que o povo, esmagado ao peso da decepção, curti o seu desencanto numa deserção das frentes de luta. O engano das aparências pilhou a quase todos, desatentos ou preconceituosos. A Constituinte foi malhada sem dó e nem piedade porque se perdera nos labirintos armados pelo PMDB, abandonada pelas lideranças da legenda majoritária.

Pesquisas superficiais, a opinião colhida nas esquinas, no primeiro repelão irritado, lapidaram a Constituinte como as pedras da decepção nacional e com os calhaus de uma precipitada desqualificação de incompetência.

De fato, a Constituinte custou a reencontrar-se. Foi literalmente atropelada pela avalanche popular que sobre ela desabou, no alvoroço dos dois últimos dias do prazo para a apresentação de emendas, nos dias 12 e 13.

Só então se constatou o que apenas se pressentia sem a avaliação sequer aproximada de suas dimensões gigantescas. Por baixo da superfície do desligamento e da refeição, a sociedade pulsava, em transa silenciosa, para a formalização das suas reivindicações. Claro

que nem sempre coincidentes e até, muitas vezes, conflitantes. Porque a sociedade é múltipla e não uma pasta homogênea.

**Tempo novo** — Já agora, não há nenhuma dúvida. A Constituinte está reabilitada e entra na reta das decisões como centro de interesse do país e o foro das esperanças da sociedade.

As multidões reencontraram os roteiros da Constituinte e estarão presentes na programação das votações decisivas dos pontos controversos, de meados de setembro até a aprovação final, lá para fins de dezembro.

Claro que 15 milhões de assinaturas em emendas populares antecipam uma pressão fantástica no gargalo das definições. Mas os constituintes, em lua de mel com o povo, estão em condições de uma negociação direta, com a sumária dispensa de todos os intermediários.

O primeiro a ser despachado foi o governo. No lance, o PMDB falou grosso, ao eleger o senador Mário Covas para seu líder da Constituinte em cima de um discurso que vestia em eloquência a proposta de uma linha de independência em relação ao Palácio do Planalto. O governo ainda tentou a meia-sola da indicação do deputado Carlos Sant'Anna para seu líder. O remendo não pegou.

Se o governo sobrou na Constituinte, também os partidos com os seus líderes foram simplesmente desativados. A poderosa realidade de uma bipolarização no plenário, abandonada pela deserção do PMDB, impôs a recomposição em blocos. E são os blocos superpartidários, ao centro e à esquerda, que estão decidindo o destino e o modelo da futura Constituição, ampliando o inesperado consenso, apartando o polêmico para a decisão pelo voto, no inevitável instante do choque.

E que está à vista, com um recorte diferente de tudo o que se viu antes. Com as marcas que merecem ser conferidas de uma estouvada independência, de uma autonomia afirmada na insubordinação, com a superação de partidos e a dispersão do PMDB e num entendimento direto com a sociedade. Só que não foi a Constituinte que encontrou o povo. Mas sim o povo que ocupou a Constituinte, invadindo portas, vaiando Ulysses e formalizando as suas propostas.



Gerardo Hanna